



MULHER, TRABALHO E FAMÍLIA: UMA DIVISÃO DO TRABALHO FORTEMENTE ASSIMÉTRICA

Giselle Karen Ferreira dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: gisellekaren@gmail.com

Beatriz Martins Araújo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: biamaraujo70@gmail.com

M^a Madalena Souza dos Anjos Neta
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: madalenauesb@gmail.com

INTRODUÇÃO

Diante das acaloradas e atuais discussões sobre gênero e equidade de direitos, este artigo visa trazer um olhar crítico sobre a realidade das mulheres de classe média inseridas no mercado de trabalho brasileiro, trazendo um apanhado geral acerca do contexto histórico e das suas consequências.

Segundo Viana et al (2017), “A educação foi instrumento que proporcionou às mulheres a possibilidade da competição de forma igualitária com os homens, nos diversos setores da sociedade, principalmente no mercado de trabalho”. No entanto, sabemos que historicamente essa educação foi permitida as mulheres de forma tardia. Enquanto os homens eram estimulados ao aprendizado das mais diversas artes e ciências, as mulheres eram destinadas as prendas domésticas, para assim formá-las como mães e donas de casa. Esta realidade manteve as mulheres sob a autoridade e dependência masculina por muito tempo, à princípio do pai, e posteriormente do marido. Contudo, as mulheres conseguiram emancipação a essa tutela e, hoje, possuem direito a educação, ao voto, ao trabalho e lutam pela real equidade.

A partir da I e II Guerra Mundial, as mulheres viram-se obrigadas a assumir o controle e sustento da família na ausência de seus maridos, que serviam nas batalhas e por vezes não voltavam com vida. Posteriormente, a progressão do capitalismo no século XIX gerou expansão tecnológica, e em consequência disso, as indústrias e o setor maquinário cresceram significativamente, havendo um aumento do número de



empregos e a mulher novamente viu a necessidade de se inserir no mercado de trabalho.

Desde então, a sua participação dentro do processo de inserção vem evoluindo e ganhando espaço. No entanto, é notório que mesmo capacitada e com um nível de educação e escolaridade comprovadamente maior, ainda assim, a mulher tem o seu acesso excluído dentro do mercado de trabalho em relação ao homem e enfrentam barreiras por discriminação, preconceito, diferenças salariais, abusos e assédio de diversas naturezas. Diante das circunstâncias, elas têm um papel importantíssimo na sociedade. Já dizia a socióloga Heleith Iara Bongiovani Saffioti, em um trecho do seu livro “A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade”.

A MULHER das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social (SAFFIOTI, 1976, p. 7).

Esta pesquisa procura mostrar o perfil dessa mulher e os obstáculos enfrentados para que possam trabalhar e desenvolverem-se em suas carreiras tendo a necessidade de conciliar trabalho e subsistência à vida familiar, levando em conta a exaustiva rotina que é imposta as mulheres.

METODOLOGIA

A fim de analisar o quadro da inserção feminina no mercado de trabalho, a presente pesquisa classifica-se como um estudo exploratório, descritivo e bibliográfico. De acordo com Gil (2002, p 41 - 42) a pesquisa exploratória “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema”. [...] “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno”. Já a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p 44).

Para elaboração deste trabalho, houve a distribuição de um formulário de questões eletrônico que totalizou 139 respostas. Este questionário foi enviado uma amostra aleatória composta apenas de mulheres da cidade de Vitória da Conquista, em março de 2019, o que possibilitou o colhimento de informações socioeconômicas, bem como uma análise da visão que as participantes têm acerca da realidade trabalhista em que estão inseridas. Desta forma, foi possível coletar dados primários, que passaram por



um tratamento quantitativo e foram analisados com base no referencial teórico.

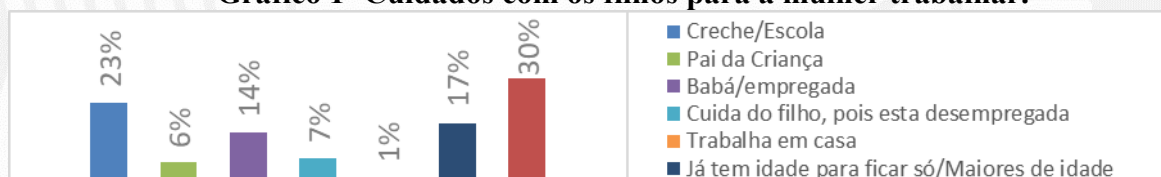
RESULTADO E DISCUSSÕES

Identificou-se um perfil distinto. São mulheres majoritariamente de 21 a 30 anos, que somam 36% das participantes, seguido por mulheres de 31 a 40 anos, com 35% do total. A amostragem de público possui um maior número de mulheres solteiras, que somam 50%, a segunda posição fica com as mulheres casadas, com 35%. Destas, 46% não tem filhos, 29% tem um filho, 17% dois filhos, 5% três e somente 3% possuem uma família com mais de três filhos. O que condiz com os últimos dados do IBGE, que mostra uma tendência de aumento das famílias monoparentais femininas. De acordo com a pesquisadora do IBGE, Cíntia Agostinho, “O número de domicílios com filhos também vem caindo como um todo justamente porque as mulheres estão tendo menos filhos” (João Neto, 2017 apud AGOSTINHO, 2017).

Com isso, é possível observar que a mulher tem buscado cada vez mais a sua independência, modificando o foco que era cuidar da casa e educar seus filhos, para trabalhar e estar apta aos novos desafios que o mercado propõe. Ainda assim, segundo o IBGE, as mulheres que trabalham dedicam 73% mais horas do que os homens aos afazeres domésticos, principalmente na região Nordeste, onde as mulheres dedicam 80% de horas a mais do que eles. Dentre as mulheres, as pretas ou pardas são as que mais se dedicam a esses afazeres, enquanto aos homens, há pouca variação dos indicadores quando se trata de região, cor ou raça.

Das que são mães, o cuidado com os filhos torna-se um desafio, pois 30% precisam contar com auxílio de familiares para cuidar das crianças em seu expediente, 23% delegam este cuidado a creches e escolas, somente 6% podem contar com a ajuda do pai da criança, como mostra o gráfico 1. O que é um reflexo dos obstáculos que a mulher tem que enfrentar para poder trabalhar, onde é determinado à mãe o cuidado com a prole, eximindo o homem dessa responsabilidade.

Gráfico 1- Cuidados com os filhos para a mulher trabalhar.



Fonte: Elaboração própria, 2019.

Entretanto, foi constatado na pesquisa que apesar de toda a evolução, seja no âmbito da educação ou no âmbito social, a mulher ainda não tem as mesmas oportunidades que os homens. Foi possível identificar que essas mulheres, embora graduadas, não atuam dentro de sua área de formação, pois 43% possuem Ensino Superior completo, mas somente 16% desenvolvem suas atividades laborais de acordo a formação acadêmica, a maioria está no setor terciário da economia.

Além disso, as entrevistadas foram questionadas sobre a existência ou não de igualdade ao acesso da mulher e do homem no mercado de trabalho. A maioria delas respondeu que não há igualdade, como pode ser visto no Gráfico 2, em que 71% disseram que não enquanto que apenas 14% disseram que sim.

Gráfico 2- Desigualdade de gênero no acesso ao mercado de trabalho.



Fonte: Elaboração própria, 2019.

Constatou-se que este perfil de trabalhadora advém de famílias economicamente menos favorecidas, uma vez que 58% delas começaram a trabalhar antes dos 18 anos, destas, 21% antes dos 15 anos e 7% ainda na infância, anterior aos 12 anos. A maior parcela de nossas entrevistadas tem rendimento familiar de até 2 salários mínimos, neste quesito, tanto as mulheres que recebem até 1 salário mínimo, quanto as que recebem entre 3 e 5 salários mínimos marcaram 29% cada, 12% têm renda acima de 5 salários mínimos, o que enquadra a maioria dentro da Classe Média, ou Classe Média Baixa.

CONCLUSÕES

Um curto retrospecto histórico mostra que houve uma meritória mudança no perfil da mulher, no passado a serviço apenas do lar, hoje adentrando em todas as áreas profissionais. A inserção da mulher no mercado de trabalho manifesta as inúmeras conquistas que ela obteve, porém, o presente estudo demonstrou que a desigualdade de gênero no meio profissional é evidente e persiste apesar das constantes lutas. Além



disso, foi possível identificar os principais obstáculos que a mulher enfrenta, desde com quem deixar os filhos até a discriminação apenas por ser mulher.

Na amostragem obtida, os resultados constatados se ressoam aos dados do IBGE, o que mostra que a desigualdade é tão grande que se torna incontestável independentemente do tamanho da amostragem selecionada e atinge a todas as classes sociais, mas que mostra sua face mais cruel junto as mulheres das classes sociais menos favorecidas. Pois estas mulheres carecem de uma rede de apoio mais estruturada para conseguir conciliar a vida profissional e a vida familiar. Esta carência condiciona muitas a aceitar um trabalho aquém da sua capacidade e formação, em prol da sua subsistência.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdade de Gênero; Mulher; Inserção Feminina; Trabalho.

REFERÊNCIAS

VIANA, A. R.; DE SOUZA, F. P.; DOS ANJOS NETO, M. M. S. Revista Extensão e Cidadania, Vitória da Conquista/BA v. 4, n. 8 p. 3, 2017.

HELEITH, IARA B. SAFFIOT. A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade. 1. Ed - Petrópolis: Vozes, 1976.

GIL, ANTONIO CARLOS. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4.Ed – São Paulo: Atlas 2002.

_____. Retratos, A revista Do IBGE. As novas caras dos arranjos Familiares Brasileiros:

Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/19061-as-novasp-caras-das-familias>. Acesso em 24 abr. 2019.